



Seleccção e organizaçã
de José Mário Silva

2.^a
edição



COMPANHIA DAS LETRAS

**Os cem
melhores
poemas
portugueses
dos últimos
cem anos**





*O que é o génio, afinal, ou como é que se distingue
O génio, e os bons poemas dos bons poetas?
Sei lá se realmente se distingue...
O melhor é dormir...
Fecho a antologia mais cansado do que o mundo —*

ÁLVARO DE CAMPOS

ÍNDICE

Breves notas em jeito de introdução	12
RETRATOS	17
RELATOS	57
DESACATOS	101
HIATOS	141
Autores por ordem cronológica	177
Índice remissivo.....	185

BREVES NOTAS
EM JEITO DE INTRODUÇÃO

O título desta antologia — *Os Cem Melhores Poemas Portugueses dos Últimos Cem Anos* — contém um adjectivo problemático. No conjunto dos muitos milhares de poemas escritos por autores portugueses num século inteiro, como escolher «os melhores»? E o que significa «melhor» em poesia? Qualquer escolha desta natureza, mesmo no caso da obra de poetas que já sobreviveram ao crivo da posteridade e merecem um lugar no cânone, será sempre imperfeita, discutível, precária. Uma antologia diz sempre mais sobre quem selecciona do que sobre a matéria seleccionada. E fica, por isso mesmo, sujeita ao escrutínio de outras subjectividades, que fariam necessariamente outras opções, pois nem o mais amplo e lúcido comité de sábios poderá chegar a um consenso que é, por definição, impossível. Neste sentido, os cem poemas aqui reunidos não serão os melhores de um século, *strictu sensu*, mas fixam a resposta do antologista, no momento em que escreve estas palavras (Setembro de 2017), à pergunta «Quais são, para si, os cem melhores poemas portugueses dos últimos cem anos?».

A decisão mais difícil, ao definir os critérios desta antologia, prendeu-se com a representatividade. Se se pretendesse uma correspondência entre o número de textos escolhidos

de cada autor e a sua importância relativa na história da literatura portuguesa, gigantes como Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen ou Herberto Helder teriam de estar muito mais representados do que um poeta jovem com apenas dois ou três livros na bibliografia. Uma escolha desse tipo, porém, além de encurtar a variedade das vozes reunidas, introduziria outro género de problemas. Por exemplo: ao ver seleccionados quatro poemas de Vitorino Nemésio e apenas três de Mário Cesariny, não seria o leitor induzido a pensar que o primeiro é mais significativo do que o segundo? Para evitar tais equívocos, optou-se por um critério radical: apenas um poema por autor. Ou seja, o livro reúne cem poemas de cem poetas. A excepção, naturalmente, é Fernando Pessoa, que foi vários num só, pelo que aparece quatro vezes, enquanto ortónimo e nas suas principais encarnações heteronímicas (Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis).

A baliza temporal do século implicou a exclusão de autores que tenham morrido num período anterior a 1917 (como Mário de Sá-Carneiro) e de poemas publicados pela primeira vez em livro antes daquela data. Fora esse critério, não houve quaisquer preocupações com a cronologia dos textos. Nos anexos finais, os leitores interessados encontrarão uma lista dos poetas ordenados por data de nascimento, mas esta antologia faz questão de ignorar, propositadamente, o tempo histórico e as circunstâncias em que cada poema surgiu. Desligados do seu contexto específico e sem enquadramento teórico, os poemas tornam-se puros artefactos verbais, isolados na sua singularidade, o que permite estabelecer, entre eles, inesperadas aproximações e tangentes – tanto estéticas como temáticas. As quatro partes em que se divide a antologia correspondem

a categorias abrangentes, dentro das quais tentei criar efeitos ora de continuidade (palavras-chave, ritmos, ideias), ora de interrupção.

A que leitores se destina esta antologia? Idealmente, a todos os leitores. Não apenas aos que têm o hábito de ler poesia, mas sobretudo aos que não lêem, ou desistiram de ler, ou nunca leram, ou julgam que a poesia não lhes interessa. Aos primeiros, espera-se que este livro sirva de janela para paisagens conhecidas e menos conhecidas, com espaço para descobertas e revelações. Aos outros, este volume oferece-se como porta de entrada para um mundo novo, sendo os poemas aqui apresentados apenas um ponto de partida.

JOSÉ MÁRIO SILVA

RETRATOS

CAMILO PESSANHA

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
— Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
— Estranha sombra em movimentos vãos.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

UM POETA CLÁSSICO

Um poeta clássico
Fará da ausência uma parte do seu jogo:
Prumo esteio coluna
Combate esculpido nas métopas do templo

Una e múltipla
Cada encontro a recomeça:
Agudo gume quando a música ressoa
Venenosa rosa do Junho mais antigo

Um poeta clássico
Fará da ausência uma parte do seu jogo
Nem integrada nem assumida
Apenas companheira
Segunda mão poisada sobre a mesa
Mão esquerda

Companheira serena
Das coisas serenas:
Parede livro fruto
E ferosa condutora dos desastres
Que nos esperam em seus pátios lisos

RUY BELO

OH AS CASAS AS CASAS AS CASAS

Oh as casas as casas as casas
as casas nascem vivem e morrem
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras
distinguem-se designadamente pelo cheiro
variam até de sala pra sala
As casas que eu fazia em pequeno
onde estarei eu hoje em pequeno?
Onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco?
Terei eu casa onde reter tudo isto
ou serei sempre somente esta instabilidade?
As casas essas parecem estáveis
mas são tão frágeis as pobres casas
Oh as casas as casas as casas
mudas testemunhas da vida
elas morrem não só ao ser demolidas
elas morrem com a morte das pessoas
As casas de fora olham-nos pelas janelas
Não sabem nada de casas os construtores
os senhorios os procuradores
Os ricos vivem nos seus palácios
mas a casa dos pobres é todo o mundo
os pobres sim têm o conhecimento das casas
os pobres esses conhecem tudo
Eu amei as casas os recantos das casas

Visitei casas apalpei casas
Só as casas explicam que exista
uma palavra como intimidade
Sem casas não haveria ruas
as ruas onde passamos pelos outros
mas passamos principalmente por nós
Na casa nasci e hei-de morrer
na casa sofri convivi amei
na casa atravessei as estações
respirei — ó vida simples problema de respiração
Oh as casas as casas as casas

ALEXANDRE O'NEILL

UM ADEUS PORTUGUÊS

Nos teus olhos altamente perigosos
vigora ainda o mais rigoroso amor
a luz de ombros puros e a sombra
de uma angústia já purificada

Não tu não podias ficar presa comigo
à roda em que apodreço
apodrecemos
a esta pata ensanguentada que vacila
quase medita
e avança mugindo pelo túnel
de uma velha dor

Não podias ficar nesta cadeira
onde passo o dia burocrático
o dia-a-dia da miséria
que sobe aos olhos vem às mãos
aos sorrisos
ao amor mal soletrado
à estupidez ao desespero sem boca
ao medo perfilado
à alegria sonâmbula à vírgula maniaca
do modo funcionário de viver

Não podias ficar nesta cama comigo
em trânsito mortal até ao dia sórdido
canino
policial
até ao dia que não vem da promessa
puríssima da madrugada
mas da miséria de uma noite gerada
por um dia igual

Não podias ficar presa comigo
à pequena dor que cada um de nós
traz docemente pela mão
a esta pequena dor à portuguesa
tão mansa quase vegetal

Não tu não mereces esta cidade não mereces
esta roda de náusea em que giramos
até à idiotia
esta pequena morte
e o seu minucioso e porco ritual
esta nossa razão absurda de ser

Não tu és da cidade aventureira
da cidade onde o amor encontra as suas ruas
e o cemitério ardente
da sua morte
tu és da cidade onde vives por um fio
de puro acaso
onde morres ou vives não de asfixia
mas às mãos de uma aventura de um comércio puro
sem a moeda falsa do bem e do mal



Nesta curva tão terna e lancinante
que vai ser que já é o teu desaparecimento
digo-te adeus
e como um adolescente
tropeço de ternura
por ti.

ALBERTO CAEIRO

Vive, dizes, no presente;
Vive só no presente.

Mas eu não quero o presente, quero a realidade;
Quero as cousas que existem, não o tempo que as mede.

O que é o presente?
É uma cousa relativa ao passado e ao futuro.
É uma cousa que existe em virtude de outras cousas existirem.
Eu quero só a realidade, as cousas sem presente.

Não quero incluir o tempo no meu esquema.
Não quero pensar nas cousas como presentes; quero pensar
[nelas como cousas.
Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as por presentes.

Eu nem por reais as devia tratar.
Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.

ALMADA NEGREIROS

A FLOR

Ao Joaquim Graça

*Je travaille tant que je peux et le mieux que je peux, toute la journée.
Je donne toute ma mesure, tous mes moyens. Et, après, si ce que j'ai fait
n'est pas bon, je n'en suis plus responsable; c'est que je ne peux vraiment
pas faire mieux.*

HENRI MATISSE

Pede-se a uma criança. Desenhe uma flor! Dá-se-lhe papel e lápis. A criança vai sentar-se no outro canto da sala onde não há mais ninguém.

Passado algum tempo o papel está cheio de linhas. Uma numa direcção, outras noutras; umas mais carregadas, outras mais leves; umas mais fáceis, outras mais custosas. A criança quis tanta força em certas linhas que o papel quase não resistiu.

Outras eram tão delicadas que apenas o peso do lápis já era demais.

Depois a criança vem mostrar essas linhas às pessoas: Uma flor!

As pessoas não acham parecidas estas linhas com as de uma flor!

Contudo, a palavra flor andou por dentro da criança, da cabeça para o coração e do coração para a cabeça, à procura das linhas com que se faz uma flor, e a criança pôs no papel

algumas dessas linhas, ou todas. Talvez as tivesse posto fora dos seus lugares, mas são aquelas as linhas com que Deus faz uma flor!

VITORINO NEMÉSIO

NOMEIO O MUNDO

Com medo de o perder nomeio o mundo,
Seus quantos e qualidades, seus objectos,
E assim durmo sonoro no profundo
Poço de astros anónimos e quietos.

Nomeei as coisas e fiquei contente:
Prendi a frase ao texto do universo.
Quem escuta ao meu peito ainda lá sente,
Em cada pausa e pulsação, um verso.

RUY CINATTI

SECRETO APELO

Na floresta silenciosa
Fui encontrar a rosa
Prometida.

Na floresta silenciosa
Fui encontrar, generosa,
A minha vida.

TEIXEIRA DE PASCOAES

A MÁSCARA

Esta luz animada e desprendida
Duma longínqua estrela misteriosa
Que, vindo reflectir-se em nosso rosto,
Acende nele estranha claridade;
Esta lâmpada oculta, em nossa máscara
Tornada transparente e radiante
De alegria, de dor ou desespero
E de outros sentimentos emanados
Do coração dum anjo ou dum demónio;
Este retrato ideal e verdadeiro,
Composto de alma e corpo e de que somos
A trágica moldura, errando à sorte,
E ela, é ela, a nossa aparição,
Feita de estrelas, sombras, ventanias
E séculos sem fim, surgindo, enfim,
Cá fora, sobre a Terra, à luz do Sol.

VASCO GRAÇA MOURA

UMA PALAVRA NO CORAÇÃO

... mit einer Hoffnung auf ein kommendes Wort im Herzen

PAUL CELAN

quando celan visitou heidegger, e passearam
pelo bosque antes da chuva, ao despedir-se escreveu
no livro da casa sobre a esperança de uma
palavra a vir no coração. e repetiu em todtnauberg,

dois anos antes de morrer, a referência obscura
à linha escrita nesse livro, de uma esperança, então, de que,
a um ser pensante?, de um ser pensante?,
viesse uma palavra no coração. no coração, no lugar onde

a palavra reconcilia por lá se encontrar desde antes,
esperadamente. ao coração, seria menos visceral.
ou já lá estava pronta a vir ou não valia a pena
fosse quebrado o silêncio em tanta expectativa.

as raízes do fogo e do sangue são as raízes
violentas do poema, no seu magma revoltado de estranhezas
ou nalguma ténue chama azulando-se em sílabas
delicadas como asas. instalada no coração,

uma palavra, uma oferenda de música e plantas silvestres,
viria a irromper do orvalho, benfazeja, transportando
se não o esquecimento, a paz. uma palavra.
tudo o que celan pedia e não sabemos se obteve

e talvez ainda procurasse numa noite de abril, no rio sena.

MANUEL GUSMÃO

AS POSIÇÕES DO LEITOR / 12

O leitor põe-se a escrever. Escreve para ti — coisa terrível; como se pode? Aceitemos mesmo que este saber se partilha e que o leitor avance. Já antes era assim que o leitor era: escrevia. Mas digamos que a partir de um determinado momento, por razões alheias à sua vontade, inerentes ao que de ti nele chama, o leitor diz: «o leitor põe-se a escrever».

Escreve para ti, que neste momento entras na sala e ficas por momentos encostada à ombreira da porta, do outro lado da luz, olhando-o. E tu que portanto não és estas letras, como que por dentro delas nasces como se nas conchas da espuma nascesses das águas, como se, ligeiramente inclinada, a custo, começasses a surgir do lado direito do écran, ou estivesses antes ao centro, em grande plano, com o olhar velado ou mesmo cega; de qualquer modo como se olhasses para onde não podes olhar. Não podes?

Voltemos à imagem das águas: o leitor escreve para ti, escreve como se fosse a ti que ele via ao mergulhar no mar, chamando com toda a dor do desejo pelo que seria então a memória do teu nome; ou, por exemplo, esse gesto que sobre a pele não seca, como se em todo o corpo se guardasse de longe, ardendo, as sílabas as línguas da tua saliva e do teu suor. O leitor tece um membro seu que se dispersa e perde pelo ininterrupto intervalo.

O leitor escreve de onde? o leitor escreve da esquerda para a direita? o leitor escreve quando? com quê? o leitor escreve para ti? Quem edita o leitor? o leitor edita-te, meu amor? como se premeditasse os nomes de depois da morte? porque tu morres, não?, meu amor, nestas páginas?

O leitor afasta-se um pouco e sabe que há algo que sempre lhe falta saber. Como então e porque desesperadamente escreve, tu cortas essas linhas alheias para te introduzires nelas, para de través nelas te insinuares, suspeita e fantasma, corpo incompleto. É que eu, diz o leitor, morri já por todos os séculos dos séculos e então será que esta morte assim continuamente viva és tu?

Se o leitor escreve, tu escreves, meu amor, meu amor, e então perguntar-te-ás como é que te podes erguer nestas frases, como é que tu própria, quer dizer, o teu corpo e o nome que tu usas e com que te usam, como é que esse teu corpo e esse teu nome podem ser furiosamente aqueles que esse tu designa e desdiz, se só assim te pode dizer. Que me inventes! que me inventes! O leitor abana a cabeça, sempre ferido desta dor e quem sabe se desta alegria. Como te há-de ter viva se logo tu já o morreste? Percebes quando o jogo é aqui só um alibi e é do outro lado que as coisas se lêem. E esse lado é o teu, nome vazio, escritor ao contrário, leitor ao contrário, tu que com o apagares-me a voz tudo decides destas letras. Que as apagues também! Que me devores! que então correrei em ti, diz o leitor, como se diz, com o coração a sangrar um veneno sem remédio. O leitor escrevendo sabe que alguma coisa o risca como ele risca as frases por cima das quais

escreve, que alguma coisa lhe embarga o nome, a voz, o corpo,
o desejo, e que só enlouquecendo numa única letra, a tua, é que
tudo pode entretanto irromper. Lê:

.....
.....

De alguma maneira o leitor escreve para que seja possível.....

Os cem melhores poemas portugueses dos últimos cem anos

Eis a desafiante antologia de um século de poesia singular e liberta, mensageira do moderno e do ancestral, de uma individualidade complexa, mas também do clamor colectivo — uma poesia diversa e plural na sua forma, sempre intensa nos seus temas.

Entre nomes canónicos já desaparecidos e novas e auspiciosas vozes, a poesia portuguesa é-nos apresentada com um arrojo alheio a espartilhos académicos ou de notoriedade. Este livro constitui uma leitura incontida e luminosa do panorama poético português, marcada sobretudo pelo entusiasmo de dar a conhecer o que de melhor fizeram, ao longo de cem anos, cem dos nossos poetas. Esta é, assim, uma viagem íntima por esse universo paralelo que, nas palavras de Sophia de Mello Breyner, «é uma luta contra a treva e a imperfeição»: a poesia.

Seleccção e organizaçção de José Mário Silva





De que armas disporemos, senão destas
Que estão dentro do corpo: o pensamento,
A ideia de polis, resgatada
De um grande abuso, uma noção de casa
E de hospitalidade e de barulho
Atrás do qual vem o poema, atrás
Do qual virá a colecção dos feitos
E defeitos humanos, um início.

Hélia Correia



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros
 companhiadasletrasportugal

ISBN 9789897849794



9 789897 849794 >